

Resenha

Apontamentos sobre os encantos e desencantos de um conceito

Caroline Jaques Cubas¹

caroljcubas@hotmail.com

caroljcubas@yahoo.com.br

PIERUCCI, A.F. 2003. O Desencantamento do Mundo: todos os passos do conceito em Max Weber. São Paulo, Ed. 34, 240 p.

Desapontamento, desânimo, desilusão, melancolia, pessimismo, angústia, decepção, desgosto, desconsolo ou desespero. Certamente não é a isto que o desencantamento do mundo se refere. Uma leitura metodologicamente descuidada ou com presunções literário-poéticas poderia até incorrer neste engano, no entanto é contra ele que Antônio Flavio Pierucci hasteia sua bandeira e declara guerra. Munido de amplo aparato teórico e ofidico senso de humor, Pierucci, em seu trabalho de livre docência, dedica-se a descrever, como o subtítulo de seu livro indica, todos os passos do conceito em Max Weber buscando o *sentido literal* do mesmo.

Antes, porém, de falar especificamente sobre o conceito em si, poderíamos nos perguntar: um livro sobre o sentido literal de um conceito? Logo hoje, em tempos “pós-modernos” quando, ao flertar com o pensamento pós-estruturalista e com a linguagem em todos os seus atributos performativos, temos a possibilidade de percorrer redes polissêmicas, sem a obrigatoriedade de determinar significados únicos para cada significante? Pois bem, *saber do que se fala sempre ajuda* (Pierucci, 1998). Tal assertiva, proferida por Habermas em relação à questão da legitimidade e retomada por Pierucci (1998), no sentido de problematizar a discussão acerca do conceito de secularização, serve perfeitamente como resposta à nossa indagação e ponto de partida para reflexão.

Segundo Pierucci, Weber não pode ser rotulado como um sociólogo da religião. É verdade que a elegeu como objeto de pesquisa. No entanto, ao estudar diferentes religiões a partir de análises comparativas, estabeleceu uma sociologia geral do processo de racionalização, de modernização ocidental. É dentro deste processo que se faz perceptível o desencantamento do mundo. Em tempo: o que é,

¹ Especialista em História pela Universidade Estadual de Santa Catarina – UDESC e aluna do Programa de Pós Graduação em História – mestrado – pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

afinal, o desencantamento? Na obstinada tentativa de responder a esta pergunta, Pierucci percorre sofregamente os textos, ensaios e compêndios que compõem a obra weberiana. A partir de uma leitura minuciosa de originais e de traduções, faz um rastreamento cauteloso dos usos do termo “desencantamento”, suas derivações e flexões, a fim de pontuar os sentidos literais do conceito – preocupação freqüente ao longo de todo o trabalho.

O termo desencantamento, inspirado nas reflexões poético-filosóficas de Friedrich Von Schiller (1750-1805) e cunhado por Weber pouco antes de 1913, vem sendo usado com diferentes conotações, confundindo-se com desencanto e com um estado psicológico de desilusão em relação ao mundo (moderno). São sentidos sem o menor sentido, de acordo com Pierucci, frutos de irresponsabilidade intelectual e causadores de grande dispersão interpretativa no que se refere aos estudos weberianos e aos usos hodiernos do conceito. No sentido de esclarecer estas confusões teóricas e em nome da necessidade de rigor intelectual e clareza conceitual, Pierucci argumenta acerca da existência de apenas dois sentidos bastante específicos para o desencantamento do mundo e afirma ainda que, nas 17 passagens onde a expressão é usada textualmente por Weber, este faz questão de esclarecer o significado que está atribuindo ao termo.

Seja pela da religião, seja pela da ciência, o desencantamento está intimamente ligado à desmagificação. Em outras palavras, o desencantamento do mundo é histórico-processual e se refere à adoção de éticas reguladoras afastando o caráter mágico atribuído ao mundo. A vida “encantada”, norteadada pela magia enquanto possibilidade de realização, não condiz com as necessidades modernas e preceitos racionalistas. São incongruentes. Pensar o processo de racionalização é pensar o processo de desencantamento do mundo tendo, no entanto, o cuidado de não tomá-los por sinônimos. O processo de desencantamento implica a adoção de uma ascese intramundana. As realizações deste mundo serão atingidas a partir da regulação das condutas neste mesmo mundo. A visão pessimista, que tenta aproximar desencantamento de desencanto perde, dessa forma, sua força pois, ao invés da perda de sentidos, estamos nos referindo, na verdade, à atribuição de novos sentidos e significados ao mundo

Este processo, o desencantamento do mundo, de acordo com a argumentação de Pierucci, denota dois sentidos bastante específicos: desencantamento religioso do mundo e desencantamento científico do mundo. Vale pontuar que esses dois sentidos são concomitantes. Mesmo diferentes, caminham lado a lado durante os oito anos em que o conceito fez-se presente na escrita de Weber. Sim, oito anos. O conceito aparece pela primeira vez em *Sobre algumas categorias da sociologia compreensiva*, pouco antes de 1913

e é nos adendos de *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, cuja segunda versão foi editada em 1920, que se faz presente pela última. Nesse ínterim, o termo aparece literalmente outras 15 vezes, em diversos textos e diferentes momentos. Os significados porém se intercalam, ao contrário do argumento de alguns sociólogos e especialistas que afirmam uma alteração de sentidos. Este argumento – que defende a alteração de sentidos – funda-se em leituras e datações equivocadas e, respaldados por estes equívocos, acabam por pressupor um desenvolvimento progressivo no conceito de desencantamento. Como se ele iniciasse significando a desmagificação através da religião e, no fim, tivesse seu sentido alterado para a mesma desmagificação, ocasionada porém pela ciência. Ora, a metódica pesquisa de Pierucci demonstra exatamente o contrário. Ao longo destes oito anos, o conceito foi usado das duas formas, sem progressões ou transformações de sentido. Desde o início, desencantamento já apresentava duas significações bastante pontuais e estas duas significações acompanharam o conceito ao longo de sua presença na obra weberiana.

Em *A ciência como vocação*, onde o termo aparece literalmente em seis passagens diferentes (é, de acordo com as observações de Pierucci, a obra onde o termo é mais usado), faz-se perceptível o uso dos dois significados, alternadamente ou não. Mesmo que a argumentação principal do texto gire em torno do segundo sentido atribuído ao desencantamento, ou seja, o desencantamento provocado pela *racionalização intelectualista através da ciência e da técnica cientificamente orientada*, a desmagificação religiosa deixa-se perceber, vez ou outra, como um sentido paralelo. Mostra-se presente mesmo que indiretamente. Sabe-se que a ciência, em toda sua racionalidade formal, tem por finalidade o domínio técnico do mundo. Opõe-se, portanto, à assertiva que pressupõe uma atribuição racional de sentidos a ele. A própria questão da perda de sentidos – no que se refere um estado de desilusão em relação ao mundo moderno, como já pontuado – a partir do processo de desencantamento perde sua plausibilidade: a ciência-técnica não se propõe a dar sentidos ao mundo, sua pretensão é explicá-lo. Visto desta forma, o conceito assume maior força interpretativa se lembrarmos que, para Weber, desde seu ingresso no meio acadêmico, o conhecimento científico moderno sempre foi fortemente caracterizado por uma *incapacidade constitucional* de construir sentidos, o que o impossibilita, destarte, de produzir visões de mundo. As visões de mundo são, necessariamente, não científicas e dessa forma, atribuem sentidos ao mundo. Esta incapacidade de produzir sentidos é, para Weber, uma das mais incômodas limitações impostas pelo conhecimento científico pois, ao desvelar os sentidos do mundo através de artefatos explicativos o que a ciência faz, em verdade, é retirar os sentidos existentes, construídos geralmente por

alguma visão de mundo respaldada no metafísico, sem uma perspectiva de substituição. A ciência desencanta e, dessa forma, amplia a aceção estritamente religiosa, de *eliminação da magia como meio de salvação*, outrora atribuída ao termo desencantamento. Percebe-se, portanto, que ele abrange também toda a mentalidade de uma época que passa a desvalorizar o incalculável em prol de um conhecimento cientificamente configurado.

Este sentido de desencantamento científico do mundo, atrelado a um crescente intelectualismo é claramente percebido ainda no ensaio *Consideração Intermediária*, onde Weber mostra-se bastante incisivo ao afirmar que a intelectualização científica é fator decisivo para o desencantamento do mundo, uma vez que obriga a religião a abandonar sua pretensão de propor o racional. A disputa, no entanto, não acontece em âmbito de visões de mundo. Neste caso a ciência é posta como antagonista à uma pretensa totalidade proposta pela religião. O foco de análise que mais interessa a Weber, segundo Pierucci, é o processo de racionalização ocidental, em seus dois cursos principais: a racionalização prático-técnica e a racionalização prático-ética. O conceito de desencantamento (científico e religioso) surge então como contundente instrumental para a compreensão histórica deste processo.

Mesmo admitindo a concomitância entre os dois sentidos atribuídos ao conceito de desencantamento, é o aspecto relacionado à religião que ganha mais força na escrita weberiana. Das 17 vezes em que o conceito é empregado textualmente por Weber, 11 delas tratam de sua significação literal, ou seja, do desencantamento enquanto desmagificação da religião. Tratam da adoção de condutas éticas norteadoras da vida cotidiana em detrimento das religiões mágicas, fantásticas, as quais possibilitavam a salvação/consolo da alma por ritos e, dessa forma, tornavam desnecessário qualquer adesão ao trabalho ou esforço como forma de ascese. Estas transformações podem ser compreendidas dentro de um processo mais amplo: o de racionalização, afinal, os traços éticos de um deus monoteísta, regulador, aparecem claramente à medida que se desenvolve uma concepção racional de economia. Segundo Pierucci, nesse processo de racionalização, a valorização de um deus que regula, pune, conduz e recompensa está intimamente ligada ao desenvolvimento de laços éticos que vão ligar o indivíduo a um mundo ordenado por obrigações e responsabilidades, clamando pela manutenção de uma conduta regular fundada na racionalidade normativa. O deus ético passa a vigorar efetivamente quando é concebido enquanto fonte e autoridade de conduta moral.

O desencantamento do mundo a partir de uma religião racionalizada torna-se possível apenas no momento em que esta mesma religião indica parâmetros

comportamentais que se instituem enquanto cotidianos de forma duradoura e não apenas eventuais, como na magia. Para que o desencantamento se cumpra plenamente como racionalização religiosa, os valores religiosos devem atuar diretamente sobre a organização racional do trabalho e da produção industrial através de uma ética intramundana, a qual deve ser considerada forma única de salvação. Nos adendos de *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, o desencantamento do mundo é explicitado enquanto um processo histórico empiricamente perceptível. Ao compreendê-lo como desmagificação, o termo assume a dimensão de um processo histórico ético-religioso especificamente ocidental que se propõe a nomear, nas palavras de Pierucci, o longo processo de racionalização religiosa pelo qual passou a religiosidade ocidental sob a hegemonia cultural alcançada por esta forma caracteristicamente moralizada da fé monoteísta, repressora da magia universal, chamado judeu-cristianismo.

Ao longo de seu trabalho, Pierucci vai discorrendo sobre o conceito de desencantamento, argumentando de forma cada vez mais contundente sobre seus usos possíveis e coerentes, de acordo com aquilo que foi proposto pelo próprio Max Weber. Ora falando do desencantamento religioso, ora do desencantamento científico, ressaltando-os sempre como significados simultâneos e descartando veementemente qualquer possibilidade de compreensão evolutiva nos sentidos atribuídos ao mesmo, o autor apresenta não apenas uma discussão conceitual, porém um amplo panorama sobre os temas mais recorrentes na obra weberiana, entre eles, o processo de racionalização ocidental.

Ao admitirmos a importância da obra de Max Weber tanto para os que se dedicam à sociologia da religião como para aqueles interessados em compreender o estabelecimento de éticas, normas e princípios que vêem regulando o cotidiano ocidental há, no mínimo, trezentos anos, o trabalho de Pierucci tem sua relevância potencializada. Para especialistas, configura-se como uma reflexão apurada acerca de um tema sempre recorrente que, certamente, pautará novos olhares sobre os escritos weberianos e as discussões que neles se respaldam. Para aqueles que pouco conhecem acerca do sociólogo alemão, eis um preciso e sedutor convite.

Referências

- PIERUCCI, A.F. 1998. Secularização em Max Weber: Da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 13(37). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000200003&lng=en&nrm=isso, acesso em : 30/04/2005.